

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Rafaela Martins Ribeiro

**CARREIRA E MATERNIDADE: O IMPACTO DA MATERNIDADE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA O  
MERCADO DE TRABALHO NA VIDA DE MULHERES JOVENS**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Marcella Beraldo de Oliveira

Juiz de Fora  
2023

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Rafaela Martins Ribeiro**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202072090A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**CARREIRA E MATERNIDADE: O IMPACTO DA MATERNIDADE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA O MERCADO DE TRABALHO NA VIDA DE MULHERES JOVENS**”, desenvolvido durante o período de 14 de Agosto de 2023 a 11 de Dezembro de 2023 sob a orientação de Marcella Beraldo de Oliveira, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**RAFAELA MARTINS RIBEIRO**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de (  ) 1 ano, ou (  ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# CARREIRA E MATERNIDADE: O IMPACTO DA MATERNIDADE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA O MERCADO DE TRABALHO NA VIDA DE MULHERES JOVENS

Rafaela Martins Ribeiro<sup>1</sup>

## RESUMO

As desigualdades de gênero são ainda hoje uma forma de afastar as mulheres do meio público. De formas explícitas ou sutis elas são violentadas constantemente em todos os âmbitos da vida, do pessoal ao profissional. Diante disso, busca-se analisar como esses preconceitos de gênero se manifestam em relação à maternidade e como afetam a vida de mulheres jovens, que tiveram uma gravidez não planejada durante o processo de formação profissional. Para isso, foram feitas entrevistas em profundidade com três jovens que engravidaram antes dos 25 (vinte e cinco) anos de idade e que passaram pela gravidez e a maternidade durante o processo de formação acadêmica. As entrevistas visam entender qual foi o papel das instituições durante esse período na vida dessas mulheres, como se dá hoje a relação do cuidado por parte dos pais e se a maternidade alterou ou não o futuro profissional delas. Também expõe nesse trabalho uma revisão bibliográfica que busca discutir como a economia, o papel social das mães e a performance acadêmica influenciam na semelhança das dificuldades que elas vieram a enfrentar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maternidade. Desigualdade de gênero. Produtividade. Comunidade científica. Trabalho.

## 1. INTRODUÇÃO

O acesso ao mercado de trabalho transformou as perspectivas de vida das mulheres, ampliando suas possibilidades como a oportunidade de estudo, desenvolvimento de carreira e a introdução ao mundo público, junto dos processos do movimento feminista a mulher passou a ter a possibilidade de dirigir a própria vida sob suas demandas e interesses pessoais. Apesar disso, muitos estigmas sociais ainda são dispostos sobre a mulher, principalmente no que se refere a maternidade, que afeta diretamente o campo profissional dessas mães.

Tendo em vista que nossa sociedade avança cada vez mais na tecnologia e conhecimento, adentrar o mercado de trabalho hoje em dia com boas condições de trabalho e remuneração depende-se fatalmente do nível de conhecimento dos indivíduos que visam determinado emprego, mas para as mulheres esse processo tende a se tornar um problema ao envolver esse papel social esperado delas. Elas sofrem em seu dia-a-dia diversas formas de preconceitos e assédios em decorrência de seu gênero, e muitas vezes essas violências são sutis e invisibilizadas, mas não deixam de afetá-las.

Assim, como no meio profissional formalizado, o processo de formação para o mercado de trabalho também apresenta essas mesmas questões. Diante disso, objetiva-se tratar no presente artigo sobre a maternidade no período de formação profissional de mulheres jovens de até 25 (vinte e cinco) anos, buscando compreender como a gravidez não planejada e o pós-nascimento influenciou nos seus planos de carreira e na vida pessoal, qual o papel que a academia desenvolveu nesse período, se auxiliou ou não na permanência dessas jovens dentro do meio científico.

Para isso, serão feitas entrevistas em profundidade com três mulheres na faixa de idade descrita anteriormente, que engravidaram de forma não planejada durante a graduação e pós-graduação, buscando entender através de suas experiências vividas como esse momento influenciou no desenvolvimento profissional, quais as dificuldades que enfrentaram no meio acadêmico e como foi conciliar esses processos sem desistir da formação. Também será feita uma análise bibliográfica através de quatro autoras, dialogando a economia, o papel social das mães e a performance acadêmica, trazendo um panorama do que produz esse afastamento da mulher, principalmente das que têm filhos, da profissionalização acadêmica.

O artigo então se organizará da seguinte maneira: no primeiro item irei trabalhar com a pesquisa antropológica, analisando o artigo “A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino” de Moema Guedes sobre a presença feminina nas áreas de estudo do ensino superior com um recorte geracional; o dossiê “ A maternidade e o feminismo: diálogos

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Marcella Beraldo de Oliveira

com as ciências sociais” de Lucila Scavone a respeito do processo de mudança de foco dos estudos sociais de acordo com as mudanças das próprias perspectivas femininas; em Cláudia Fonseca, o também dossiê “De família, reprodução e parentesco: algumas considerações” que trata sobre a parentalidade, os diferentes tipos de famílias que se desenvolveram e quebraram o perfil de “família moderna” e por último, será analisado o papel econômico da mulher e do trabalho doméstico por ela desempenhado, através da leitura de Silvia Federici em seu livro “O Ponto Zero da Revolução”, que apresenta a maternidade como um trabalho fundamental para a sobrevivência do modelo capitalista de produção, que entretanto é desvalorizado propositalmente a fim de permanecer sendo utilizado de forma intensa.

No item dois, vou discutir as entrevistas obtidas, buscando dialogar as histórias em busca de pontos semelhantes que trazem esse perfil contínuo das reproduções do papel feminino através da maternidade. Tratando assim sobre os preconceitos sofridos, as mudanças de planos de vida e carreira que essas jovens tiveram que fazer diante a descoberta da gravidez e qual o papel que os demais atores sociais, como parentes, amigos, orientadores, professores, desempenharam com elas, sendo de forma positiva ou negativa.

Quanto ao terceiro item, tratarei de projetos efetivos de trabalho contra a discriminação de mulheres nas academias e formas de reconhecimento efetivo do trabalho doméstico e do cuidado como um tempo demandado em prol do desenvolvimento de outros indivíduos, deixando de tratar o cuidado dos filhos como um dom ou tarefa natural mas sim um trabalho, nesse último veremos o caso da lei argentina a respeito da maternidade como tempo de serviço. O movimento “Parents in Science” teve um foco primordial por ser um movimento criado por mulheres, na busca específica da melhoria do ambiente acadêmico para a parentalidade, suas análises de dados expressivas com relação a essas questões e suas ações efetivas de alta relevância, como a “Maternidade no Lattes”.

Enfim, o último item será uma conclusão que irá buscar alinhar os relatos às discussões trazidas pelas autoras, demonstrando a efetividade de suas análises dentro de um panorama real das relações de como a maternidade, ainda tida como papel primordial da mulher, influencia muito nos seus planos de carreiras, muitas vezes afastando essas mulheres de seus objetivos iniciais, ou ainda que não o faça, depende de muito empenho e esforço por parte dessas para que tudo siga da maneira planejada.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Scavone analisa no presente texto “Maternidade e o Feminino: diálogo com as ciências sociais” a maternidade na contemporaneidade através da discussão das fases do movimento feminista e as noções que a maternidade toma durante esses períodos, desde a recusa total, a adoração da maternidade como um dom feminino e finalmente a compreensão desta como um fato biológico-social.

A inserção feminina no mercado de trabalho e a busca do crescimento profissional trouxeram consigo o preconceito contra a mulher e a maternidade. Esta ainda era compreendida como algo imprescindível à vida da mulher e entendia-se que naturalmente todas em algum momento da vida engravidaria, isso resultou em uma visão negativa da maternidade à qual passou a ser vista como um empecilho na carreira dessas mulheres. Esse processo também servia para afastar as mulheres do meio público e das tomadas de decisões, observa Scavone.

A antropóloga destaca a importância de Simone de Beauvoir e seu livro “O Segundo Sexo” para o período e o debate em questão, através da crítica à determinação biológica das violências e preconceitos sofridos por mulheres. A autora discute as funções que se atribui ao papel feminino e como essas isolam propositalmente esses indivíduos na esfera privada, sendo assim, afastando-as da tomada de decisões e as tornando pessoas dependentes da figura masculina. Apesar de a maternidade ser algo que realmente depende do corpo feminino, os processos acarretados depois do nascimento são basicamente todos colocados como dever da mulher, o que também faz parte desse papel construído não é natural.

Com base nesta evidência, a crítica feminista considerava a experiência da maternidade como um elemento-chave para explicar a dominação de um sexo sobre o outro [...] determinava a ausência das mulheres no espaço público, confinando-as ao espaço privado e à dominação masculina. (SCAVONE, 2001. pág 138/139)

A primeira fase do movimento feminista então é marcado pela recusa da maternidade, que resultou na luta pelos contraceptivos, o aborto e métodos alternativos de gestação, como os bebês de proveta. Isso representava

uma forma de ir contra a imposição social, tornando a decisão da mulher mais livre, sobretudo a negativa à gravidez vinda da compreensão de esta ser uma forma de aprisionar o corpo e o arbítrio feminino, sendo em essência a gravidez o que garante a dominação de gênero.

Já no segundo momento, de acordo com a autora, a gravidez passa a ser vista como um poder insubstituível que somente as mulheres detinham, dialogando com o feminismo diferencialista, pois há a afirmação das diferenças de gênero como um valorizador, um destaque para a força feminina e possibilidade única de poder gerar novas vidas vir das mulheres.

Em um terceiro momento, a gravidez passa a ser entendida não apenas como um processo biológico-natural, mas também social que envolve o processo da dominação de gênero. A pesquisadora observa que não se tratava de aceitar ou negar a maternidade, mas sim compreender que o processo de dominação de gênero influencia nessa percepção e afetava a vida das mulheres, há assim o abandono das ideias bio-deterministas, pois o problema não se concentrava na maternidade em si mas sim no processo externo que a envolve.

A perspectiva de gênero nos possibilitou abordar a maternidade em suas múltiplas facetas. Ela pôde ser abordada tanto como símbolo de um ideal de realização feminina, como também, símbolo da opressão das mulheres, ou símbolo de poder das mulheres [...] foi possível compreendê-la como um símbolo construído histórico, cultural e politicamente resultando das relações de poder e dominação de um sexo sobre o outro. (SCAVONE, 2001. pág 142/143)

Tratando sobre as tecnologias de reprodução, a pesquisadora aponta no que diz respeito à sua influência sobre a maternidade, tanto os métodos contraceptivos quanto os conceptivos que a TR vem ofertando, tornaram mais real a possibilidade de escolha das mulheres. Fato é que a relação entre maternidade e o uso das TR está muitas vezes relacionado à perspectiva de carreira dessas mulheres.

6,5% têm filho(a)s entre 35-39 anos. Estas últimas são mulheres profissionais que esperam primeiro alcançar uma estabilidade e independência financeira, para depois realizar a maternidade. (SCAVONE, 2001. pág 144/145)

A realização da maternidade ainda é um dilema para as mulheres que querem seguir uma carreira profissional, já que, nas responsabilidades parentais, ainda são elas as mais sobrecarregadas. (SCAVONE, 2001. pág 145)

Junto desses processos tecnológicos, surgem novas formas sociais familiares que devem ser analisadas, a exemplo a “família artificial” que envolve a inseminação de uma mulher portadora e geradora de um bebê, através dos óvulos e espermatozoides daqueles que serão os pais e criadores desse bebê. São perspectivas novas que mexem diretamente com as relações parentais e o universo da maternidade, criam-se outras ideias de mães e o trabalho do cuidado é deslocado delas para outros locais ou pessoas. Nesse processo ela destaca o rompimento da visão da maternidade pelo ponto de vista do determinismo biológico.

O campo da pesquisa sobre as relações de sexo e gênero abandona gradativamente o questionamento sobre a maternidade simbolizar ou não o eixo central da dominação masculina. A pesquisa divide-se então em um grupo voltado para o uso das TR e seus impactos na saúde das mulheres e destaca a retirada gradativa do controle da maternidade destas, Scavone explica que essa discussão toma uma posição positiva sobre a maternidade no sentido em vê-la como um poder e que este pertence à mulher. O outro grupo volta-se para a análise da “parentalidade” e questiona a função da mãe-mulher como fundamentadora das relações parentais, buscando compreender o papel que os homens desempenham nesse processo. Ainda que seja observada a mudança gradual das relações das tarefas do cuidado familiar e doméstico e presenciarmos a ação dos pais, esta função permanece sendo atribuída em grande maioria como papel da mulher.

O artigo “A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino” de Moema Guedes, tem por objetivo analisar a presença de mulheres nos níveis superiores, produzindo um recorte de idade - sendo analisados apenas indivíduos de 20 anos ou mais - e geracional, assim, comparando períodos diferentes e levando em consideração as mudanças sociais, políticas e econômicas que ocorreram entre as décadas analisadas.

A autora demonstra como a educação passa a ser vista como um meio de ascensão social, devido ao novo posicionamento que a legislação passa a ter sobre esta, além da qualificação profissional refletir em melhores empregos e conseqüentemente no aumento salarial dos indivíduos.

Desse modo as mulheres, sob grande influência dos movimentos feministas dos anos 70, passam a usar o estudo como um meio emancipatório, não só individualmente, como por meio da política pública de incentivo à educação

O ensino universitário se destaca no processo mais amplo de escolarização feminina como um importante marco pois sempre esteve mais diretamente relacionado à maior presença no mundo público e à aquisição não apenas de habilidades para o mercado de trabalho, mas também de novos valores e práticas. A importância dessa questão na estruturação de relações de gênero mais equânimes se reflete no fato de que, historicamente, essa foi uma bandeira que uniu as diversas correntes do movimento feminista. (GUEDES, 2008. pág 121)

Porém, a educação também está envolvida na lógica de divisão de gêneros, sendo assim, existe uma separação de cursos que reproduzem o ideal masculino e feminino, reservando às mulheres uma parcela específica de profissões, geralmente envolvidas nos cuidados, ensino ou voltados para a reflexão, separando-as dos cursos mais manuais, físicos, de “ação”.

A socióloga analisa que apesar da saída do lar que os estudos proporcionam às mulheres e que as levam mais ao campo público, sair do lar implica reestruturá-lo. Assim, a mulher que até então era o pilar de manutenção da casa, responsável pelos afazeres, cuidado dos filhos e demais tarefas de organização e administração, deixará de se dedicar a esse. Essa reestruturação só poderá se dar através do dinheiro, onde essas atividades serão transferidas para outro indivíduo que passará a receber por elas, assim como vemos em Scavone, a saída do lar implica na passagem do trabalho de cuidado para outros locais ou pessoas.

A intensa associação entre escolaridade e participação das mulheres no mercado de trabalho ocorre não apenas porque o mercado é mais receptivo ao trabalhador mais bem qualificado de modo geral, mas também porque esse grupo pode contar com atividades mais gratificantes e bem remuneradas, que compensam os gastos com a infra-estrutura doméstica necessária para suprir sua saída do lar (Bruschini, 2000). (GUEDES, 2008. pág 122)

Quanto à análise geracional, Moema explica que as mulheres de forma geral estão estudando mais em todos os níveis escolares, porém as gerações mais velhas que fizeram a graduação eram 25% em 1970 e sobe nos anos 2000 para 53% se tornando maioria, por isso o nível de mulheres em cursos superiores aumenta muito mais nas novas gerações que é quando há a quebra da “barreira de gênero”. Com essa maior incursão, há o aumento significativo da parcela feminina em cursos antes tidos como masculinos, ainda que o contrário não seja observado.

Apesar dessa maior entrada feminina nos cursos “masculinos”, são observadas permanências das desigualdades de gênero, assim, ainda apresentam em muitos casos diferenças salariais para as mesmas qualificações e cargos. Além disso, a autora destaca que a permanência na academia pode não ser feita por escolha das pesquisadoras, mas sim pela falta de oportunidade no mercado de trabalho. Geralmente essa permanência e avanço feminino para o mestrado e doutorado é observado nos cursos de maior presença masculina, sendo assim, homens são selecionados para o mercado enquanto mulheres permanecem na área de estudo.

O avanço da presença feminina no contingente populacional que conclui mestrado ou doutorado<sup>17</sup> na coorte mais jovem verifica-se mais intensamente nas áreas em que as mulheres são minoria (os tradicionais redutos femininos continuaram com uma distribuição por sexo semelhante, na nova geração de formados), o que reforça a idéia do campo acadêmico como um setor que vem se feminilizando nas áreas mais masculinizadas. (GUEDES, 2008. pág 127/128)

Por fim, Moema conclui que apesar da entrada feminina no ambiente acadêmico não representar necessariamente o auge da equidade de gênero, esta aponta para uma mudança significativa que passa a redirecionar a mulher para uma educação mais ampla em contraste com a educação anterior que focava na vida

particular do lar, sendo assim a escolarização é importante para levar a mulher à vida pública que é exatamente o avanço que se observa na presença da nova geração nos cursos superiores, e destaca a importância do recorte geracional de sua pesquisa.

Cláudia Fonseca trata neste dossiê “De família, reprodução e cuidado” sobre a diversidade que abrange a definição de “família” e como essa tornou um objeto de estudo difícil de manusear devido sua plasticidade social, levando a um período de baixas pesquisas sociológicas sobre o assunto, e através da crítica feminista e outros movimentos sociais o assunto volta ao palco de estudos. Fonseca destaca que sua preocupação de pesquisa é voltada para o método qualitativo que permitiu aprofundar mais nas questões de análise desses grupos familiares e destaca que a participação das pesquisadoras feministas foi decisiva para esse grupo de estudo.

A autora demonstra que a pesquisa sobre família e parentesco, abre a perspectiva de que não existe uma “família padrão e linear”(FONSECA, 2007), auxiliando a queda da argumentação eurocêntrica de modelo familiar e destaca a importância da crítica feminista que concentra a discussão que permeia a família e transforma a visão do que produzia essa entidade. Essa crescente das pesquisas sociais ela destaca sob a perspectiva de Inhorn, que está muito relacionado à entrada massiva de mulheres no mundo acadêmico, assim como observamos nos dados trazidos por Guedes anteriormente.

Trazendo para debate diversos artigos presentes no dossiê, Cláudia demonstra que as bases teóricas das autoras citadas demonstraram alterações nas perspectivas ideológicas de família. A partir dos anos 70 começa a se compreender que até a família considerada a mais estável pelos evolucionistas, a euro-americana, tinha instâncias, passando a entender que essa célula social não está livre de intercorrências assim como não é o único local onde estas ocorrem. A família passa a ser compreendida da seguinte maneira:

Assim, em vez de ser concebida como unidade natural, “célula básica” de qualquer sociedade, e instituição chave para a saúde mental de todo indivíduo, “a família” passa a ser analisada como uma noção política e científica historicamente situada. (FONSECA, 2007. pág 16)

Citados são: Jelin, a respeito da unificação e alargamento do laço parental através da análise do movimento “Las Madres de la Plaza de Mayo” na Argentina que se opunha à posição parental do Estado autoritário ditatorial daquele período; Corrêa com uma análise feminista sobre a pesquisa freudiana que questiona a oposição constante entre figura feminina má e boa, analisando a questão das babas e empregadas domésticas; Seguindo a mesma linha de análise da presença das empregadas domésticas e babás, porém voltada para o lar brasileiro, Brites pontua como a saída da mulher do lar impacta na entrada de outra para suprir o trabalho de cuidado que ficará vago. Esses artigos levantam a questão da dualidade entre o cuidar altruísta e o cuidar como produto de um mercado, o que produziu uma importante discussão na antropologia:

Entre estas poderia ser incluída a linha que procura ressemantizar o trabalho de “cuidar” de outros – atividade que, em geral, é privilégio de mulheres dentro do espaço doméstico. Zelizer, por exemplo, no seu livro *The Purchase of Intimacy*, tece uma crítica ao que chama “a hipótese de mundos hostis” – uma noção prevalente no imaginário social que postula uma radical separação entre, por um lado, a esfera “familiar”, supostamente regida pelo altruísmo puro, e, por outro, a esfera do mercado, regida por uma lógica financeira. Para a autora, essa perspectiva reforça estigmas contra quem cuida de velhos, doentes e crianças por dinheiro, justificando o eterno baixo status (e, por conseguinte, baixo salário) de quem não “se doa” a essas tarefas de forma “desinteressada”, por amor à família (Zelizer, 2005). (FONSECA, 2007. pág 19)

Fonseca também destaca pesquisas que buscam conexões que formulam o parentesco para além da conexão biológica, e através disso ela explica como a percepção de família apenas pela ligação sanguínea direta é inclusive um excluyente das famílias adotivas. Citando o artigo de Yngvesson sobre as adoções transnacionais, destacando que pertencer a uma família adotiva não exclui a possibilidade de manter laços com o local de origem biológica.

A fim de destacar a variação de estruturas familiares, a autora aponta a pesquisa de Thorne nos anos 70, que demonstrou através da “experiência de grupos minoritários em relação a família”, como não existe um modelo

de “família moderna” mas sim o modelo eurocêntrico de percepção da família. Thorne destaca que a migração não é a única responsável pela diversidade de formas familiares, sendo a política, a economia e o mercado mundial também muito influentes nesse processo. Fato é que toda experiência familiar é única, e será influenciada por diversos motivos. Fonseca aplica isso citando duas famílias que presenciaram a reprodução do exílio e tiveram experiências completamente diferentes, onde uma se reconhece como pertencente a duas culturas e no outro caso não se sente pertencente a nenhuma.

Por fim, Fonseca trás o estudo de Sargent, Larchanche-Kim e Yatera, que analisam a presença da tecnologia não só como um amparo na vida humana e influenciador das culturas, mas sim algo propriamente pertencente a essa. Para além das tecnologias de reprodução e métodos contraceptivos que tomam boa parte das discussões feministas, como observamos em Scavone, a tecnologia avança para a vida humana em outros âmbitos. Uma pessoa que migrou em busca de melhores condições financeiras e que mantém financeiramente a família em seu país de origem, a tecnologia serve tanto como facilitador da comunicação, quanto aprisionadora.

Tanto no contexto da distância quanto no contexto das famílias adotivas e das famílias padrões, mediar qual a importância de um parente é uma tarefa difícil e até questionável de sua necessidade, visto que toda relação tem suas peculiaridades, não havendo uma forma de padronizar essa entidade. Logo, a percepção trazida pela autora demonstra que as diversas formas de se perceber e analisar uma família e as transformações que essa sofre, incluindo a influência da tecnologia e das leis sobre adoção, abrem uma nova compreensão, mais ampla e com perfis variados o que torna o campo de pesquisa antropológico da “família e parentesco” muito mais abrangente.

Em suma, seja através de “reprodução” ou de “parentesco”, as novas abordagens implicam num profundo deslocamento de nossas categorias analíticas. [...] Fenômenos como as (já mencionadas) novas tecnologias reprodutivas e a popularização da adoção deram visibilidade a essa “abertura” da família a elementos novos. [...] antropólogos, pelo contrário, passaram a enfatizar o fato de que algo profundo tinha mudado nas próprias percepções sobre as atividades de reprodução – algo que não poderia deixar de influenciar as próprias categorias do analista (Strathern, 1995). (FONSECA, 2007. pág 30)

Silvia Federici em “O ponto Zero da Revolução” analisa a influência do Capitalismo sobre a vida das mulheres, como este se beneficia da desvalorização do trabalho doméstico que essa produz e que apesar da força do movimento feminista em denunciar essas questões, o sistema economico consegue subverter muitas vezes as pautas e tornar-las parte de seu sistema.

Federici explica que a desvalorização do trabalho doméstico foi construída através do tempo de forma a colocar toda responsabilidade necessária para a criação de um indivíduo como um papel natural da mulher e isso só foi possível pela criação de um perfil ideal de esposa, dona de casa, cuidadora do lar e dos filhos e apoiadora dos maridos. De forma social, a mulher tinha um papel predestinado de aguentar calada todas as violências sofridas, não só por ter sido feita acreditar nisso durante toda sua vida, mas também porque sem estar sob os cuidados financeiros de um homem ela não tinha outras opções para escolher.

Esse ideal feminino dava amparo para que o homem pudesse se esgotar no trabalho, produzir bastante para o capital e enfim descontar todas suas insatisfações sobre sua esposa. É nesse ponto que a autora destaca a necessidade do salário destinado ao trabalho doméstico, mas que é essencial que este seja pago pelo Estado, não pelos próprios maridos, pois os homens apesar de beneficiarem-se do trabalho doméstico, são apenas reprodutores do ideal que o sistema capitalista moldou. A luta por salários sempre representou a negativa ao trabalho forçado, exigir uma remuneração sobre aquilo que se faz é o que torna afirmativamente aquilo em trabalho. Dessa maneira, Federici afirma que o reconhecimento do trabalho doméstico só poderá ser efetivo quando este for formalmente pago.

Ter um salário significa fazer parte de um contrato social, e não há dúvidas a respeito do seu significado: você não trabalha porque gosta, ou porque é algo que brota naturalmente dentro de você, mas porque é a única condição sob a qual você está autorizado a viver. (FEDERICI, 2019. pág 42)

É a reivindicação pela qual termina a nossa natureza e começa a nossa luta, porque o simples fato de querer salários para o trabalho doméstico

já significa recusar esse trabalho como uma expressão de nossa natureza, e, portanto, recusar precisamente o papel feminino que o capital inventou para nós. (FEDERICI, 2019.. pág 46/47)

A autora destaca que o rompimento inicial com a ideia de que a maternidade e o trabalho doméstico fossem algo natural, se dá com a revolta feminina entre as décadas de 70 e 90 com a recusa à maternidade. Aqui a autora se refere ao processo que observamos em Scavone a respeito da primeira etapa do posicionamento feminino com relação a recusa da maternidade. Esse momento é crucial para a libertação da mulher pois rompe com a barreira entre o público e privado e abre portas de vez para que as mulheres possam passar a trabalhar, estudar e tratar dos assuntos que as afetam. É claro, esse processo não foi tranquilo nem imediato, mas aqui se dá o início de todo processo.

Entretanto, o capitalismo continuou a produzir cada vez mais novas formas de desigualdade entre as próprias mulheres, uma delas se dá através da nova divisão internacional do trabalho que abre cada vez mais o vão entre as mulheres europeias e estadunidenses das demais. A NDIT influencia para que as mulheres dos países asiáticos, latinos e africanos passem não só a produzir indivíduos, como produzi-los para trabalharem nos países ricos, além de agora também estarem produzindo de forma extremamente barata mercadorias para exportação. O capitalismo subverte as pautas femininas na grande maioria das vezes através do discurso do “empreendedorismo feminino” e a posição das feministas liberais se mantém fora dessas análises limitando seus discursos e ignorando o fato de que o sistema está se apoiando na discriminação sexual para avançar ainda mais economicamente, ainda que não as atinja diretamente.

Diante desse cenário, fica explícito que qualquer projeto feminista exclusivamente implicado com a discriminação sexual, sem situar a “feminilização da pobreza” no contexto do avanço das relações capitalistas, estará condenado à irrelevância e à cooptação. Além do mais, deve-se levar em conta que a NDIT introduz uma redistribuição internacional do trabalho reprodutivo que fortalecesse as hierarquias inerentes à divisão sexual do trabalho e cria novas divisões entre as mulheres. (FEDERICI, 2019. pág 151)

Com isso, há o aumento da migração de mulheres dos países do Sul para o Norte, em busca de melhores condições de vida para ela e suas famílias. Essa migração possibilitou a criação de um mercado de serviços que permite a passagem do trabalho doméstico e do cuidado para outras mulheres, o que também permite que as mães do norte possam trabalhar fora sem se preocupar, pois há outras para fazerem suas demandas em casa. Essa realocação de funções ajuda a economia dos países nortistas mas principalmente influencia na mudança dos perfis familiares nos dois lados. Como vimos em Scavone e Fonseca, tanto a migração quanto às novas possibilidades que o mercado de serviços oferta desconstruem o perfil idealizado da família nuclear moderna.

Federici ainda destaca que a igualdade de gênero não pode ser cedida pelo sistema pois isso não o favorece em nada e historicamente nunca houve algum direito obtido se não pela luta e reivindicação constante. Assim como Fonseca, Federici observa o evento das “madres de la plaza de Mayo” como uma luta importante que demonstra a oposição feminina contra o regime autoritário ditatorial que existia naquele momento. Assim a autora explica que a visão de igualdade de gênero pautada em alcançar o mesmo lugar do homem, fardado e com direito a matar ou até mesmo poder trabalhar exaustivamente nas fábricas e escritórios, nada mais é do que o objetivo da globalização de transformar isso em um ideal das mulheres, de modo a beneficiar os interesses do sistema. A libertação feminina só é atingida quando todas são, do contrário nenhuma está livre.

Ter um trabalho não garante a essas mulheres a liberdade do processo de gênero que inclusive muitas vezes é perpetuado no local público. O segundo trabalho, afirma, agrega ainda mais funções às mulheres, o sistema econômico apenas se aproveita do discurso do trabalho como uma forma de engrandecer as mulheres porque através desse ele conseguiu aumentar o capital e ainda assim se utilizará do trabalho doméstico não remunerado, é o que observamos no artigo de Moema: mesmo no meio acadêmico, ou seja público e um trabalho externo, havendo a presença feminina, os desígnios do sexo ainda promovem violências e o afastamento das mulheres.

Ela também produz várias vezes durante o livro uma crítica a Marx, apontando limitações dos sistemas comunista e socialista considerando que o economista deixa de lado a perspectiva do trabalho feito no lar e destaca apenas o trabalho nas fábricas, invisibilizando o esforço feminino que ampara o lar e o desenvolvimento de toda a sociedade. Federici destaca que o teórico se concentrava em uma visão tecnocrata e levava em consideração somente o trabalho que efetivamente produzisse um produto, além de considerar exclusivamente a luta contra as

condições dos trabalhos nas fábricas. Isso gerou um apagamento do trabalho de reprodução, tanto no sentido de que dar a luz e criar um indivíduo não é compreendido (e não deveria) como criar um produto, como o fato de esse trabalho não ocorrer na fábrica mas sim no lar.

Essa crítica se estende aos teóricos marxista da atualidade, e Hardt e Negri, aos quais ela explica que pesquisam e citam uma forma de feminização do trabalho realizados pelos homens, entretanto não mencionam em nenhum momento os trabalhos que são destinados à mulheres pela perspectiva de gênero como a procriação e o cuidado infantil, o que observamos em todos os presentes textos analisados.

## **2.2. A LUTA POR UM AMBIENTE MAIS ACOLHEDOR**

O "parent in science" é um movimento que busca discutir as desigualdades de gênero que permeiam o mundo acadêmico e afastam mulheres deste por meio do preconceito e do assédio. O movimento destaca que a maternidade tem influência no trabalho e na produtividade, mas esta não deve ser tratada como um problema por si só, deve-se compreender que a carga dos trabalhos domésticos é o verdadeiro responsável por esse processo. É a destinação social dada ao trabalho doméstico como uma função feminina que desenvolve o verdadeiro papel de influenciador no trabalho dessas mulheres e de alguns pais que trabalham no campo científico. O projeto objetiva trazer para discussão essas desigualdades atribuídas aos papéis de gênero e destacar que a ausência feminina no meio científico não é uma escolha, mas sim um resultado da falta de políticas acolhedoras para famílias junto de um processo social de desigualdade e estereótipos.

Uma das produções do PIS, que aborda diretamente como elaborar uma academia mais acessível, expõe falas de mães que sofreram preconceitos em razão da sua gravidez e maternidade, e traz recursos de como conscientizar individualmente e quais as possibilidades que as instituições detêm e devem usar para criar um ambiente devidamente preparado para acolher essas mães. O acolhimento aqui ressaltado não trata de condições especiais em viés de favorecimento, mas sim de compreender que o trabalho doméstico advindo da maternidade representa para essa mulher uma carga efetiva de trabalho e deveres a serem cumpridos também. Logo o alongamento de prazos, auxílios financeiros e outras atividades servem para amparar esta mãe, não para beneficiá-la puramente.

O "Guia de estratégias para Combate à discriminação e ao assédio contra mães na academia" tem um objetivo educativo de trazer a tomada real do esclarecimento sobre o assunto de forma sistêmica, explicitar que o pensamento discriminatório vai além da individualidade, ele é algo social com base nas desigualdades de gênero que percorre toda a sociedade. Logo não se trata de algo presente em uma ou outra instituição, o pensamento é enraizado de maneira geral e deve ser combatido. Além da conscientização, as instituições são as responsáveis por produzir ações efetivas, através do levantamento de dados sobre a parcela de mães e pais acadêmicos, pois conhecer sua comunidade parental é essencial para que as medidas efetivas possam ser tomadas a fim de permitir e auxiliar a permanência desses indivíduos no meio científico.

Assim como discutido anteriormente, há a necessidade de destacar como o papel negativo atribuído à parentalidade atinge mais efetivamente as mulheres do que os homens e isso, claro, se perpetua na academia. Não apenas por ser socialmente descrito como um trabalho de mulher, o trabalho doméstico sobrecarrega as mães acadêmicas de forma diferente dos pais presentes no mesmo ambiente. A começar pelo fato biológico de que o processo de interferência na vida das mulheres começa já na gestação, onde muitas vezes são orientadas a esconder para não sofrerem rechaça, enquanto para os homens a questão se torna mais real somente após o nascimento. Mas, ainda assim, o nascimento não exime as diferenças. O fato de o cuidado e carinho ser visto como um dever e até mesmo um desejo natural da mulher, faz com que ela seja frequentemente questionada e avaliada sobre seu trabalho afetar à criança, ou que seu filho afetar o trabalho, fazendo com que elas necessitem mais que os homens, reforçar constantemente sua efetividade, tanto quanto mãe, quanto trabalhadora.

Ter filhos não mudou as percepções dos meus colegas e chefia sobre o meu comprometimento ou competência em relação ao meu trabalho. 63% dos cientistas pais VS 35% das cientistas mães concordaram completamente com a frase. (Staniscuaski et al. Bias against parents in science hits women harder. Humanit Soc Sci Commun 10, 201 (2023).

Dentro de meu departamento/instituto, sinto que tenho que provar constantemente minha competência para obter o mesmo nível de respeito e reconhecimento recebido por outros colegas. 30.8% das mulheres negras mães, 24.3% das mulheres brancas mães, 23.8% dos homens negros pais e 13.7% dos homens brancos pais concordaram

completamente com essa afirmação. (Staniscuaski et al. Bias against parents in science hits women harder. *Humanit Soc Sci Commun* 10, 201 (2023).

No Brasil, as mulheres são as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e o cuidado de pessoas, dedicando o dobro de tempo semanal que os homens reservam para essas mesmas funções.<sup>10</sup> Tal demanda de tempo reduz a disponibilidade das mulheres para outras tarefas, gera cansaço e estresse e, logo, prejudica sua saúde física e mental. Ademais, sabe-se que a jornada de trabalho acadêmico-científico, frequentemente, ultrapassa o tempo de trabalho regular, demandando horas extras para escrita e revisão de artigos, leituras e estudos, orientação de estudantes etc. – horas que, muitas vezes, não estão disponíveis na rotina das mulheres que conciliam esse trabalho com o cuidado da casa e dos filhos. (Carpes et al, 2022)

Entretanto, houve a conquista de um processo fundamental para as mulheres mães acadêmicas, que simboliza o avanço do amparo e reconhecimento do efetivo papel que a maternidade tem como um trabalho que necessita de tempo gasto para ser feito, no caso, o trabalho doméstico de criação e dedicação aos filhos. A partir de abril de 2021, passou a ser possível registrar o período de licença-maternidade no Currículo Lattes de forma a justificar a queda de produtividade dessas mulheres. Isso permite lançar a compreensão de que o afastamento não foi uma decisão pessoal, mas sim uma necessidade para que fosse dada a devida atenção ao seu trabalho como mãe. Desse modo, retira-se a perspectiva que esse afastamento é um descanso, um tempo de lazer, e trás para a realidade o fato de que a maternidade é um trabalho.

Em alusão ao que observamos com Sílvia Federici podemos relacionar esse avanço com a perspectiva do salário para o trabalho doméstico que em sua percepção deveria ser pago pelo Estado, afinal, o trabalho da maternidade é criar indivíduos para consumir e produzir na sociedade. Ter então esse tempo reconhecido como efetivo, ainda que afastada de seu trabalho externo, reforça como socialmente a percepção de que essa mulher estava, ainda que não produzindo academicamente, trabalhando.

Também em 2021, houve na Argentina a promulgação de uma lei que garante às mulheres um abatimento no tempo de contribuição para a aposentadoria pelo número de filhos. Tinha-se o objetivo com essa lei, ajudar as mulheres que tiveram seu tempo de trabalho afetado pelo afastamento causado pela maternidade, reconhecendo assim que neste período a mulher estava dedicando-se aos cuidados do filho e sendo assim, uma forma de trabalho. Esse novo direito conquistado através do “Programa Integral de Reconhecimento de Tempo de Serviço por Tarefas Assistenciais” atingiu diretamente 155 mil mulheres com idade mínima para aposentar, de 60 anos, que no entanto não haviam completado os 30 anos necessários de trabalho. O tempo descontado não é igual para todas as maternidades, sendo um ano por cada filho biológico, dois anos por filho adotivo e 3 anos em caso de filhos com alguma deficiência. O reconhecimento dos cuidados com os filhos contar como tempo de serviço representa uma forma de reparação com essas mulheres em favor do período de sua vida dedicado à família que as impedia de participar de um trabalho externo, pois uma parcela de 44% das mulheres com idade para aposentar não conseguiam usufruir o benefício em razão do tempo de serviço, no período em que houve a instauração da lei.

### 2.3. ENTREVISTAS

As entrevistas foram feitas com três mulheres que engravidaram ainda jovens no período de formação acadêmica, os nomes das entrevistadas e de seus filhos foram alterados para preservar suas identidades e histórias. A primeira entrevistada, Natália, engravidou aos 20 anos, terminou a graduação antes do nascimento e não prosseguiu com a especialização em decorrência da maternidade; ela não é casada com o pai de seu filho João. A segunda é Samara, que estava no primeiro ano de mestrado quando engravidou aos 24 anos de seu filho Vinícius, ela deu continuidade na carreira acadêmica e seguiu para o doutorado; ela não é casada com o genitor de Vinícius. A última entrevistada foi Paula, que engravidou aos 22 anos durante o seu último ano na graduação, ela namora e mora com o pai de seu filho Antônio.

Em todos os relatos observamos que a instituição não buscou acolher e auxiliar essas mulheres de maneira ativa, inclusive, passando informações incorretas a respeito de seus direitos. Dependia da busca pessoal delas mesmas para que seus direitos fossem respeitados e efetivados. Verificamos o ponto crucial abordado pelo movimento “Parent in Science” sobre o dever de cada instituição de conhecer e entender a sua comunidade de mães, para que possam ser auxiliadas a permanecer em seus processos de formação, ainda que passando pela

gravidez. Essas mulheres são praticamente punidas por estarem grávidas e pagam esta punição com o afastamento da área de formação.

Minha coordenadora e eu tentamos conversar ,explicar, e mesmo assim eles só disseram que não é permitido trancar (o) primeiro semestre e se eu quisesse trancar o curso era só no segundo em diante. (Natália, 2023. informação verbal)

A sensação é que existia uma má vontade por parte do programa de pós-graduação mesmo, em ajudar a comunidade de mães que estão na academia. (Samara, 2023. informação verbal)

Quando eu descobri a gravidez, eu, eu já achei que eu não fosse conseguir formar, né? E aí, conversando com uma amiga, ela me explicou sobre o regulamento acadêmico e eu corri atrás com a coordenação do meu curso e vi que tinha o tratamento excepcional que eu podia pegar um determinado tempo, como se fosse uma licença maternidade, né? E fazer a faculdade assim. (Paula, 2023. informação verbal)

A presença paterna efetiva e a participação ativa do cuidado do filho foi observado plenamente apenas no relato de Paula, em que o pai mora longe por questões de trabalho, mas ajuda no financeiro e nas tarefas de modo mais frequente. Quanto aos demais relatos, percebemos um afastamento significativo dos cuidados dos filhos por parte dos genitores, tanto da presença e contato com a criança quanto da parte financeira nos cuidados básicos de alimentação, vestimenta e saúde. A paternidade se torna algo solúvel dentro das relações familiares, a ausência dos pais é tida como algo normal e já esperado. Por se tratarem de mães jovens levar em consideração que a ausência desse pai no início da vida dos filhos muitas vezes implica na ausência permanente, o que vai acarretar a essas mulheres a criação solo de seus filhos para sempre.

A minha vida parou enquanto a dele continuou. Eu fui trabalhar e ele continua desempregado, eu perdi minha vaga na universidade e ele continua lá até hoje. (Natália, 2023. informação verbal)

Ele não é alguém com quem eu possa contar, pra pegar o Vinícius em um dia que eu precise fazer algo, ou pra ficar mesmo com ele. Na guarda eu consegui que ele ficasse com ele em alguns finais de semanas, mas o resto da semana ele passa comigo e fica um final de semana comigo também. (Samara, 2023. informação verbal)

Graças a Deus eu tive muito apoio tanto do pai, né, que que a gente tá junto? Ele é presente quanto da minha mãe, que às vezes precisou, né, matar serviço pra que eu conseguisse fazer alguma prova pra que eu conseguisse colocar minhas aulas em dia. (Paula, 2023. informação verbal)

Legalmente, pais divorciados devem dar o valor de até 25% de seu salário como pensão ao filho que está sob a guarda do outro progenitor. Sabe-se que o sustento de uma criança raramente se limitaria a essa parcela do salário de um pai que mora junto da mãe, pois deve-se levar em conta que ele necessita da parte restante para viver. Mas a mãe que está presente integralmente junto do filho deve destinar seu salário a uma moradia satisfatória para o crescimento da criança, comprar alimentação adequada, comprar roupas, pagar o lazer, os estudos, os remédios, mas também deve comprar os produtos para cuidar do lar, para limpeza e manutenção. Mas, acima de tudo, ela deve oferecer conforto, ceder horas de sono em dias de doença e horas do seu lazer para fazer seja qual for a tarefa que está faltando ser feita. Apesar da rede de apoio dos avós, que todas destacam ter, fato é que a responsabilidade é sim da mãe e torna-se extremamente cansativo ter que sempre desdobrar-se para conseguir fazer todas as tarefas e tudo que concerne à função de mãe. Não se faz isso tudo de forma natural, faz-se porque lhe foi imposto que deve ser feito.

Quanto à maternidade, cada mulher se encontrou à sua maneira e em suas ideias sobre o papel desta. Entretanto, destaca em duas entrevistas a fala sobre amar o filho e não gostar da maternidade. É importante

destacar que ser mãe não significa gostar do que envolve a maternidade, mas por vezes aceitar os desafios enfrentados para poder seguir cuidando e guiando aquele indivíduo que você gerou, da melhor maneira possível. As diferentes opiniões sobre o que é maternidade demonstra que ela é algo pessoal e condicionável, cada mulher a presenciará de uma forma e a reconhecerá através do seu ponto de vista e da realidade enfrentada, sendo essa entrecortada por várias outras questões como classe, cor, religião etc.

Eu acho que de uma perspectiva pessoal, eu nunca quis ter filho, porque eu sabia que seria mais importante que tudo, que eu vou deixar de comer o último pedaço de bolo para ele poder comer. Existe uma ideia de que existe um lado maternal, mas eu nunca tive ligação nem desejo pela maternidade. Quando ele nasceu, se concretizou de (eu) colocar ele à frente de tudo. A (minha) maternidade não foi planejada e nem desejada, eu me conformei com ela. Eu sinto um distanciamento da maternidade, não do meu filho, mas a ideia em si da maternidade não me aproxima. (Natália, 2023. informação verbal)

Não penso a maternidade de forma biológica, penso ela como algo composto pela cultura social. Penso num papel social que a cultura incentiva e cria para as mulheres desde a infância. Ela é romantizada, não se fala do lado ruim da maternidade. Mas não é qualquer mãe. Todos somos ensinados a ser mãe, mas não é qualquer mãe. Tem uma norma, uma série de regras para se encaixar uma mãe hétero, casada com um homem independente financeiro dele, que vai cuidar do lado dos filhos sem questionar o seu papel. Poucas mulheres realmente alcançam esse papel de mãe que é delineado como o melhor. Penso à maternidade acima de tudo, como um direito, é o direito de poder ser mãe de outras formas, o direito de poder ser mãe sem ser o ideal criado, o direito de ter acesso ao estudo que possam possibilitar ela ser mãe sozinha e não esteja dentro de um relacionamento, pois precisa do apoio financeiro do homem que conseguiu avançar na carreira. É a maternidade que move a sociedade. Eu amo meu filho, mas eu odeio ser mãe porque é um lugar de luta constante. A sociedade não cuida e não pensa em nosso bem-estar. (Samara, 2023. informação verbal)

Nossa, que pergunta difícil! É assim, sempre foi um sonho ser mãe, mas não foi gravidez planejada. Eu não esperava para aquele momento, eu não queria naquele momento, principalmente por conta da minha faculdade. Eu estava no final do meu curso, eu fazia estágio, já estava conversando com os meus patrões para ser contratada, já estava meio que encaminhado, né? Toda a minha vida profissional e eu precisei dar um pause nisso porque era impossível pra mim das 7h às 17h com meu bebê tão novinho. Foi uma fase difícil, mas a maternidade eu acabei me descobrindo nela. E assim, a melhor coisa que eu poderia ter acontecido comigo, por mais difícil que foi, nossa, meu filho, é a melhor coisa que eu tenho e assim tudo valeu muito a pena, sabe? (Paula, 2023. informação verbal)

Com relação às mudanças dos planos após a gravidez, somente Samara manteve seu projeto de seguir a carreira acadêmica e a conciliou com a maternidade, ainda que passando por todas as dificuldades enfrentadas. Quanto à Natália e Paula, precisaram modificar suas idealizações em função da maternidade em níveis diferentes. Uma necessitou abandonar por completo a formação acadêmica enquanto a outra adiou a especialização mas pensa ainda em voltar. A mudança na vida da mulher é quase sempre uma certeza quando o assunto é a maternidade, pois os filhos muitas vezes são colocados, não só por elas mas pela sociedade também, como o principal trabalho da mulher, que muitas vezes acaba deixando a profissão de lado em vista dos cuidados dos filhos.

Até meus ideais se alteraram, porque eu não queria nunca ser mãe. Além disso eu me sinto em uma posição desconfortável com relação a minha área de trabalho, porque não é um meio muito rentável, então muitas

vezes me sinto mal por fazer o que gosto porque sinto que não traga tanta rentabilidade pra cuidar dele. (Natália, 2023. informação verbal)

A pesquisa me dá prazer e eu, eu me acho competente dentro desse campo, mas eu entendi que era um direito meu estar ali, que a gravidez não vai pagar, tudo que eu vivi antes dela, mas também a motivação financeira de ascensão social, uma possibilidade de um salário melhor e coisas do tipo, por exemplo, a bolsa é o que me mantém hoje em dia e eu entendo que a bolsa ela não é só um valor, ela é um mérito, porque eu sou boa na pesquisa que eu faço. Eu sou eficiente no que eu faço, então essa bolsa, ela não vem só por eu ter o direito a ela, vem pelo meu mérito dos meus estudos, já que a maternidade dificulta tanto a nossa entrada no mercado de trabalho, eu queria dar continuidade na pesquisa, apesar da academia também ser um local dominado pelos homens. (Samara, 2023. informação verbal)

E aí eu pretendo, quando eu acabar, eu começar a atuar nessa fase, né? Antes eu me imaginava trabalhando em obra, enfim, mas hoje em dia é outra realidade, porque eu não estou disposta a trabalhar de 7 às 5 e deixar meu filho tão novinho assim, numa numa creche. Enfim, graças a Deus eu tenho o privilégio de poder fazer essa escolha, sabe? E aí essa área que eu escolhi de engenharia hoje, muito por conta do meu filho, é uma área que eu vou poder empreender e fazer os meus próprios horários também, mas não é uma área que que tipo assim é tão certa, né? Então os meus planos são continuar trabalhando com marketing e, aos poucos, começando a trabalhar com engenharia. E aí, quem sabe, um time de engenharia seja lucrativo, para mim, o suficiente para eu trabalhar só nessa área? (Paula, 2023. informação verbal)

O aborto foi um tópico importante a ser discutido em virtude de tratarmos aqui de três gravidez não planejadas, o que nos levaria normalmente ao questionamento sobre como tomada a decisão final de “ser ou não mãe”. Em todas as entrevistas as mulheres desejaram em algum momento a possibilidade do aborto, e apesar de interpelado por outros motivos como a religião por exemplo, todas apresentaram o receio de abortar por se tratar de um processo não legalizado no Brasil e por consequência tinham medo do que poderia acontecer em decorrência do processo. Fato é que apesar de todas cogitarem a ideia, de certo modo essa nunca foi uma opção real e por isso, a partir do momento em que engravidaram, seu futuro foi delineado para a trajetória da maternidade.

A descoberta inicial foi bem difícil, foi bem estressante, porque nem eu e nem o pai da criança pretendíamos ter filhos, né? Principalmente nessa idade e a como o aborto não é legalizado, por não ter o aborto legalizado no Brasil, esse nunca foi uma opção. (Natália, 2023. informação verbal)

Desejei a possibilidade do aborto, mas eu não aprofundi. Hoje, eu penso que em outro contexto, na atualidade eu também pensaria melhor e eu provavelmente escolheria o aborto. Eu não me arrependo de ter o meu filho, mas eu gostaria de ter a oportunidade de abortar essa questão do poder de escolha, ele não é dado. (Samara, 2023. informação verbal)

Porém eu tinha muito medo por não ser seguro fazer isso aqui no Brasil, medo de me arrepender também porque apesar de não querer naquele momento sempre quis ser mãe e em partes acreditava que se Deus me mandou naquele momento é porque era pra ser. (Paula, 2023. informação verbal)

No caso da gravidez não planejada no Brasil, a única possibilidade de mudança diz respeito às demais áreas da vida dessa mulher, sobre desistir ou não da carreira, dos estudos, colocar o bebê para adoção, tudo isso diz respeito ao que ela pode fazer após o nascimento, pois até lá ela tem a obrigação, podendo se dizer até de forma até legal, de gestar e dar a luz a esse bebê.

Por fim, suas motivações de permanência ou desistência dos estudos são pessoais e podem divergir muito da crença que está por trás, porém em todas está presente a busca de uma vida melhor para os filhos. Tanto Paula e Samara que continuaram a estudar, quanto Natália que se afastou da formação, buscam a mesma coisa: melhoria da condição financeira para a melhoria de vida dos seus filhos.

Cada mulher tem sua história, suas particularidades, crenças e ideais, cada uma vive a maternidade de uma forma e presenciou o processo de um modo único, mas por trás de todas existe um ideal materno produzido socialmente, que influem em suas percepções e coloca sobre elas o dever de criar este novo indivíduo da forma mais idealizada possível.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através da análise desenvolvida, constatamos que a desigualdade de gênero é um processo político e social que se beneficia economicamente do trabalho doméstico feminino não remunerado. A performance da maternidade funciona como um aprisionador das mulheres sobre as responsabilidades do lar, dos cuidados dos filhos e familiares e diferente das décadas anteriores que as restringiam ao meio privado, hoje elas podem acessar o meio público mas ainda como agente do mesmo papel de cuidadora. Esse acesso ao meio público geralmente se dá através dos estudos, fazendo com que a entrada massiva das mulheres nas escolas e universidade tenha produzido uma mudança nas expectativas futuras dessas mulheres e apesar de realmente haver melhoras significativas, a maternidade permanece sendo uma questão: ter ou não filhos, adotar ou gestar, casar ou não com o genitor, todas essas questões perseguem as mulheres desde a infância até a vida adulta. E apesar de toda a evolução tecnológica, não só na área da reprodução como no próprio auxílio do dia-a-dia, a maternidade continua sendo um trabalho de gênero e afeta diretamente a vida das mulheres tanto no pessoal quanto no profissional.

No caso da maternidade não planejada ainda no período da vida jovem, outros fatores tornam esse processo ainda mais desgastante. Como o fato de geralmente essas mulheres não serem casadas, não possuírem um trabalho estável com rentabilidade para manter sozinha o lar e dispensar rede de apoio ou contratar serviços de cuidado para auxiliá-la e muitas vezes ainda estarem no processo de formação para o mercado de trabalho. Esse cenário junto ao fato da negligência parcial ou total da paternidade, cria sobre elas um desgaste físico e emocional por serem sobrecarregadas de atividades. O perfil da mãe multifacetada nada mais é do que o excesso de serviços. Além de de dar conta dos estudos para alcançar um estilo de vida melhor para ela e seu filho, deve-se zelar pelos cuidados da criança e mantê-la sempre cuidada, mas também é preciso dar atenção e ser presente sem ceder todo o seu tempo ao trabalho e aproveitando momentos de lazer com o filho.

O acúmulo de funções leva essas mulheres muitas vezes a abrir mão de algum desses fatores, incluindo dela mesma. Isso pode ocorrer de várias formas, abandonando a especialização para trabalhar, mudando de área para um trabalho com horários mais flexíveis, abrindo mão do autocuidado para fazer tarefas domésticas e até o extremo de conviver com seu agressor, pois assim a renda para a criança pode ser maior. Deixar-se em segundo lugar é a primeira tarefa materna. Entretanto, observamos continuamente a luta por seus direitos e pela melhoria de vida das mães, através de projetos que unem mulheres discutindo qual é o verdadeiro papel da maternidade e porque ela funciona dessa maneira hoje em dia. Já é possível observar ações efetivas que têm valor significativo para a luta das mulheres.

Importante destacar que o recorte de estudo aqui analisado engloba uma parcela específica de mulheres, pois a presença de mulheres nas universidades hoje é majoritariamente de brancas de classes médias ou altas. As entrevistas que aqui constam, somente uma entrevistada não se identifica como branca. Isso quer dizer que existe uma parcela significativa de mulheres pretas, pobres e jovens lidando com uma maternidade muito diferente com problemas ainda mais custosos e que necessitam ser analisadas devidamente para que seus quadros também sejam subvertidos e superados.

## REFERÊNCIAS

**Cuidado com os filhos contará para aposentadoria das mães na Argentina.** G1, 23 de julho de 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/07/23/cuidado-com-os-filhos-contara-para-aposentadoria-das-maes-na-argentina.ghtml> . Acesso em: 22 de nov. 2023

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.** Trad. de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019. 388 p.

FONSECA, Cláudia. **Apresentação: de família, reprodução e parentesco: algumas considerações.** Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 29, p. 9–35, 2007.

GUEDES, Moema de Castro. **A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino.** História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008.

MELLO-CARPES, Pâmela Billig. STANISCUASKI, Fernanda. OLIVEIRA, Letícia. SOLETTI, Rossana Colla. Parentalidade e carreira científica: o impacto não é o mesmo para todos. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/c7TkCBBBsYtF7nhnsDmZ83n/?lang=pt>. Acesso em: 24 out. 2023.

MOVIMENTO PARENTS IN SCIENCE. **GUIA DE ESTRATÉGIAS PARA COMBATE À DISCRIMINAÇÃO E AO ASSÉDIO CONTRA MÃES NA ACADEMIA**, 05 de agosto 2023. Disponível em: [https://www.parentinscience.com/files/ugd/0b341b\\_c86e9391a5ee4073be1dfbee8ef639b2.pdf](https://www.parentinscience.com/files/ugd/0b341b_c86e9391a5ee4073be1dfbee8ef639b2.pdf). Acessado em: 14 de nov. 2023.

RODRIGUES, Henrique. **Argentina: Cuidar dos filhos é considerado trabalho e contará para aposentadoria.** Revista Fórum, 20 de Julho de 2021. Notícias. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/news/2021/7/20/argentina-cuidar-dos-filhos-considerado-trabalho-contara-para-aposentadoria-100669.html>. Acesso em: 22 de nov. 2023.

SANTOS, Alice. WOBETO, Samara. **A maternidade no Lattes.** Revista Arco - Jornalismo científico e Jornalístico. 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/maternidade-no-lattes>. Acesso em: 22 nov. 2023.

SCAVONE, Lucila. **A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais.** Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 16, p. 137–150, 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644543>. Acesso em: 18 set. 2023.